

# As migrações internas no Brasil: as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 e 2000 e pelas PNADs recentes

---

*Fausto Reynaldo Alves de Brito*  
*José Alberto M. de Carvalho*

## INTRODUÇÃO

Os resultados da PNADs desta década reservam algumas surpresas, mesmo para os mais atentos observadores das migrações internas no Brasil, assim como confirmam algumas hipóteses, levantadas a partir dos dados do Censo de 2000 e/ou do Censo de 1991. Um Estado como São Paulo provavelmente perdendo população; Minas deixando, definitivamente, de ser o grande celeiro de emigrantes; vários Estados nordestinos com indicações claras de saldos migratórios positivos. Novidades que trazem à tona, para o debate, a sempre atual questão da migração.

Há décadas, o movimento espacial, com mudança de residência de milhões de pessoas, tem caracterizado a sociedade brasileira. Um país com as dimensões continentais do Brasil, com seus desequilíbrios regionais e sociais, praticamente força grande parte da população a mudar a sua residência das áreas rurais para as urbanas ou dessas para outros municípios, Estados, Regiões e, mais recentemente, para outros países, como os Estados Unidos, Paraguai, Portugal e o Japão.

São poucos os brasileiros que não realizaram, pelo menos, uma etapa migratória. Não se trata de nenhum exagero afirmar que migrar faz parte da cultura brasileira, está incluído, como possibilidade, no projeto de vida de cada cidadão. Para boa parte da população, a emigração acabou se transformando na única alternativa de mobilidade social oferecida pela sociedade. Sair de seu município, percorrer distâncias, curtas ou longas, na busca de uma melhoria de vida, nem sempre conseguida, tornou-se uma sina para milhões de brasileiros.

Desde os anos 1950, quando se acentuaram os desequilíbrios regionais e melhorou o sistema nacional de transporte, aumentou significativamente o volume de migrantes, dentro dos seus próprios Estados, e entre Estados, independente da distância. Números impressionantes expressam os grandes fluxos populacionais ocorridos no país no século 20. Considerando somente o período entre 1960 e 1990, apenas o êxodo rural no Brasil foi estimado em 42,6 milhões de pessoas! (Carvalho e Garcia, 2002).

A migração interestadual também foi notável. Nordestinos e mineiros lideraram a multidão que encheu as estradas deste país, na procura de um destino onde pudessem lutar, com alguma possibilidade de êxito, por melhores condições de vida. Entre 1960 e 1990 saíram do Nordeste e de Minas Gerais para outros Estados cerca de 8,1 e 3,8 milhões de pessoas, respectivamente (Carvalho e Garcia, 2002). O destino desse expressivo número de brasileiros era o Estado de São Paulo, em primeiro lugar, depois o Rio de Janeiro e as áreas de expansão da fronteira agrícola: o Estado do Paraná e as Regiões Centro-Oeste e Norte.

Assim foi até os anos 80. No entanto, as sucessivas crises econômicas e sociais que até hoje têm impossibilitado o Brasil de conseguir um desenvolvimento econômico e social sustentado de longo prazo, somadas às grandes mudanças na estrutura da economia brasileira e no modo de expansão da fronteira agrícola, começaram a mudar esse padrão migratório de um modo surpreendente. As PNADs desta década têm dados sobre migração e sua análise pode produzir informações sobre os fluxos migratórios mais recentes no país.

#### **COMPORTAMENTO E TENDÊNCIAS DOS SALDOS MIGRATÓRIOS DESDE OS ANOS 1980 ATÉ 2004**

Sabe-se que os dados das PNADs, mormente aqueles referentes a fenômenos rarefeitos, como é o caso da migração, devem ser considerados com cautela, por provirem de uma amostra relativamente pequena. Para se inferir sobre o provável comportamento das trocas migratórias interestaduais e inter-regionais no Brasil reveladas pelas PNADs da década presente, é aconselhável lançar mão, também, dos censos demográficos de 1991 e 2000. Se os dados das PNADs confirmam tendências já anunciadas pelas informações censitárias, mais robustas serão as inferências.

A Tabela 1 mostra os saldos migratórios (SM) das microrregiões e de algumas unidades da Federação (UF) selecionadas, calculados a partir dos dois últimos censos e das PNADs desta década.

Os SMs foram obtidos por meio do mesmo quesito, referente à UF de residência do indivíduo, exatamente cinco anos antes da data de referência do censo ou da PNAD. A resposta a esse quesito permite levantar, para cada UF, o número de imigrantes e o número de emigrantes de data fixa. A diferença entre os dois corresponde ao SM, isto é, ao ganho líquido populacional da UF em questão, devido aos fluxos

**Tabela 1.** Brasil: saldos migratórios quinquenais, data fixa, das regiões e unidades da Federação selecionadas – 1986/2004

	1986/1991	1995/2000	1996/2001	1997/2002	1998/2003	1999/2004
<b>NORTE</b>	<b>131323</b>	<b>78584</b>	*	*	*	<b>63741</b>
<b>NORDESTE SETENTRIONAL</b>	<b>-200980</b>	<b>-241033</b>	<b>-83486</b>	<b>-62502</b>	<b>-80093</b>	<b>-71398</b>
Maranhão	-134480	-189486	-51192	-71073	-74539	-77092
Piauí	-66498	-51547	-32284	+8571	-5554	5694
<b>NORDESTE CENTRAL</b>	<b>-406851</b>	<b>-271715</b>	<b>-51104</b>	<b>9598</b>	<b>-7288</b>	<b>-7051</b>
Ceará	-123517	-16173	9949	62913	17170	21106
RN	-873	10330	11023	23306	18907	36210
Paraíba	-85155	-59627	-12896	-9678	22883	42471
Pernambuco	-145555	-127928	1603	-17343	-2744	-24396
Alagoas	-51751	-78317	-60783	-49600	-63504	-4350
<b>NORDESTE MERIDIONAL</b>	<b>-268714</b>	<b>-275398</b>	<b>-53153</b>	<b>-45652</b>	<b>-41755</b>	<b>-85690</b>
Sergipe	13763	-2574	-10490	-6187	-12692	2585
Bahia	-282477	-272824	-42663	-39465	-29063	-88275
<b>SUDESTE</b>	<b>640132</b>	<b>482388</b>	<b>-100988</b>	<b>-69622</b>	<b>-128651</b>	<b>-215308</b>
Minas Gerais	-107510	57222	92117	68454	88783	30978
Espírito Santo	44513	37714	49167	34629	50403	-1537
Rio de Janeiro	-41669	58293	-49743	-75619	-109913	-89617
São Paulo	744798	329159	9447	-97086	-157924	-155132
<b>SUL</b>	<b>-185369</b>	<b>-19172</b>	<b>-8790</b>	<b>13738</b>	<b>26244</b>	<b>34586</b>
Paraná	-206110	-55103	-21388	-13116	-46049	-10704
Santa Catarina	45303	62894	40865	61725	108256	75099
RGS	-24562	-20963	-28267	-34871	-35963	-29729
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>290559</b>	<b>246346</b>	<b>173039</b>	<b>197193</b>	<b>250270</b>	<b>203568</b>
Mato Grosso do Sul	19025	-7497	-16740	39163	27461	-7200
Mato Grosso	108573	52195	81083	67883	104284	111680
Goiás	111398	202728	125168	136718	131437	146997
Distrito Federal	51563	-1080	-16372	-46571	-12912	-47909

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1991 e 2000, PNADs de 2001, 2002, 2003 e 2004.

\* Apenas em 2004 a PNAD passou a incluir a área rural da Região Norte, razão pela qual não são apresentadas estimativas provenientes das três PNADs anteriores.

migratórios entre a UF e as demais UFs do país, durante o quinquênio terminado na data de referência do levantamento.

No SM, calculado a partir dessas informações, não estão incluídas as crianças com menos de cinco anos de idade, nem o resultado dos fluxos migratórios internacionais. Esse último ponto implica ser possível que uma UF tenha, em um determinado quinquênio, SMs interno e internacional de sinais contrários.<sup>1</sup> Nesse caso, o SM global pode ter sinal diferente daquele do SM interno. Neste trabalho, só se trabalhará com os SMs internos, por não haver informação sobre os emigrantes internacionais do quinquênio.

Ao analisar a evolução dos SMs quinquenais estimados, apresentados na Tabela 1, chegam-se às seguintes conclusões ou inferências:

1. A Região Norte apresentou, durante o período analisado (entre 1986 e 2004), SMs positivos. Houve sensível queda entre 1986/1991 e 1995/2000 (em torno de 130 mil para 80 mil pessoas). O SM quinquenal teria se mantido nesse patamar, mais baixo, durante os anos da atual década.
2. O Nordeste Setentrional teve, durante todo o período, perdas líquidas de população, devido aos fluxos migratórios. As perdas aumentaram entre 1986/1991 e 1995/2000 (em torno de 200 mil para 240 mil). Há indicações claras de que houve queda significativa dos SMs negativos quinquenais na presente década (para em torno de uma perda líquida de 75.000 pessoas). Esse declínio teria se dado, principalmente, no Estado do Piauí. A partir das diversas PNADs desta década, parece que o Estado encontra-se com SMs muito próximos de zero. Torna-se uma hipótese robusta afirmar que provavelmente passará, em um futuro próximo, a ganhar população, por meio dos fluxos migratórios interestaduais.
3. O Nordeste Central apresenta uma grande surpresa, no que toca à evolução de seus SMs. De uma perda altíssima entre 1986/1991 (SM negativo acima de 400 mil), já houve declínio considerável no quinquênio 1995/2000 (SM negativo de ao redor de 270 mil pessoas). As PNADs do início da década atual estão a indicar rápido declínio dos SMs negativos. Em 2004 já

---

<sup>1</sup> Esse pode ser o caso de MG, estado amplamente conhecido como origem de importante fluxo migratório para o exterior e que ainda apresenta SMs internos relativamente pequenos.

estaria havendo um equilíbrio entre os fluxos imigratórios e emigratórios.

A surpreendente evolução da Região, historicamente a maior expulsora de população do país, deve-se, mormente, aos Estados do Ceará e Rio Grande do Norte. Esse último, já no período 1986/1991, teve SM praticamente nulo, que teria se tornado positivo a partir de 1995, com ganhos quinquenais acima de 20 mil pessoas, atualmente. O CE, com altíssimo SM negativo em 1986/1991 (acima de 120 mil pessoas), já em 1995/2000 apresentou pequeno SM negativo (em torno de 16 mil). Na presente década, as PNADs indicam SMs quinquenais positivos (cerca de 20 mil pessoas). Examinando o comportamento dos dados destas duas UFs, pode-se prever que, provavelmente, passaram para uma fase sustentada de ganhadoras líquidas de população, por meio dos fluxos migratórios, contrariamente ao ocorrido até a década de 80.

Os outros quatro estados da Região (PE, PB, AL, SE) passaram a perder um volume cada vez menor de população, sendo que, no caso da Paraíba, há indicação de que teria passado a uma situação de ganhadora líquida, a partir de 2003.

Torna-se uma hipótese bastante provável que o NC já experimente, no segundo quinquênio desta década, SMs positivos.

4. O Nordeste Meridional manteve-se, em todo o período, como perdedor líquido, embora pareça que as perdas estejam diminuindo. O comportamento da Região é determinado, em grande medida, pela Bahia, devido ao grande peso de sua população. Os SMs do Estado, negativos, mantiveram-se altos em 1986/1991 e 1995/2000 (em torno de 280 mil pessoas) e teriam declinado bastante nesta década (perda líquida de cerca de 50 mil pessoas).
5. A Região Sudeste, já entre os quinquênios 1986/1991 e 1995/2000, experimentou forte queda em seus SMs, historicamente positivos (em torno de 640 mil, para menos de 500 mil pessoas). As PNADs desta década estão a mostrar que, provavelmente, a Região tenha passado para uma situação, surpreendente, de perdedora líquida de população.

Isto teria se dado pelo comportamento díspare das UFs que a compõem. Minas Gerais, junto com o Nordeste, o principal responsável,

até os anos 80, pelos fluxos emigratórios brasileiros, passou, a partir de 1995, a ter SM positivo, como revelado em todos os levantamentos a partir do Censo de 2000. São Paulo, desde 1940, é a UF com maiores SMs positivos no Brasil; já entre 1986/1991 e 1995/2000 mostrou perder rapidamente sua força de atração e capacidade de retenção, pois seus SMs caíram significativamente (de cerca de 750 mil, para 330 mil). As PNADs de 2002, 2003 e 2004 estão a indicar, claramente, que o Estado teria passado a expulsor líquido de população (em torno de 150 mil pessoas por quinquênio).

O RJ, que em 1995/2000 apresentara SM positivo (cerca de 60 mil pessoas), parece ter retornado à situação de perdedor líquido nesta década (em torno de 85 mil pessoas), o que antes já ocorrera no quinquênio 1986/1991.

6. O Sul, que em 1986/1991 apresentou forte SM negativo (aproximadamente 185 mil indivíduos), em 1995/2000 experimentou significativa queda (uma perda de cerca de apenas 20 mil). Na presente década há indicação de que a Região esteja passando para uma situação de ganhadora líquida de população, ainda que em um volume modesto (cerca de 30 mil pessoas). Essa evolução se deve a dois componentes principais: a) O Paraná, que nas décadas de 70 e 80 teve SMs extremamente negativos (no quinquênio 1986/1991 perdeu mais de 200 mil pessoas), em 1995/2000 apresentou sensível queda em seu SM negativo (pouco mais de 50 mil). Nesta década estaria, ainda, a perder população, mas em volumes cada vez menores; b) Santa Catarina manteve-se, entre 1986 e 2004, como ganhadora líquida de população. Em 1995/2000 teve SM positivo de cerca de 62 mil pessoas. Há indicações de que seu SM, positivo, esteja aumentando após o ano 2000.

O Rio Grande do Sul manteve-se como perdedor durante todo o período, porém com valores relativamente baixos, com SMs quinquenais, negativos, entre 25 e 35 mil pessoas.

7. O Centro-Oeste tornou-se, nesta década, a região com os maiores SMs positivos do país. Não porque tenham aumentado significativamente em valores absolutos, mas porque o Sudeste, antes o grande absorvedor dos fluxos migratórios, perdeu essa condição, tendo passado, provavelmente, a perdedor.

Entre os quinquênios analisados, o primeiro, em 1986/1991, foi aquele com maior SM da Região (em torno de 290 mil pessoas). Esse saldo, que caiu para cerca de 250 mil em 1995/2000, parece encontrar-se, atualmente, em um patamar menor, ao redor de 200 mil pessoas.

Entre as UFs, Mato Grosso e Goiás são os grandes responsáveis pelos altos SMs regionais. O Mato Grosso parece vir experimentando SMs positivos crescentes, a partir de 1995/2000, quando esteve ao redor de 50 mil pessoas. Atualmente, teria alcançado um volume acima de 100 mil indivíduos. Goiás teve um enorme aumento entre 1986/1991 e 1995/2000 (de um SM positivo de cerca de 110 mil, para mais de 200 mil). Na presente década, o SM positivo parece ter se estabilizado entre 120 e 150 mil pessoas.

O Distrito Federal apresentara SM pequeno, ainda que positivo, entre 1986/1991. O Censo Demográfico de 2000 indicou, para o DF, SM praticamente nulo e as últimas PNADs estão a apontar, consistentemente, para SMs negativos, ainda que oscilantes (perda entre 10 mil e 50 mil pessoas).

A seção seguinte procura aprofundar a análise das migrações interestaduais recentes de São Paulo, Minas Gerais e de alguns Estados do Nordeste.

### **O PAPEL DAS MIGRAÇÕES DE RETORNO: SÃO PAULO, MINAS GERAIS E ALGUNS ESTADOS DO NORDESTE**

A PNAD de 2004 traz muitas surpresas quanto às migrações. Poderia alguém imaginar que o Estado de São Paulo atualmente perdesse população através do saldo entre a entrada e saída de migrantes? Em relação à Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), o Censo Demográfico de 2000 já mostrava saldo migratório negativo (Tabela 2). Pode-se observar, entre os dois períodos, 1986/1991 e 1995/2000, uma queda no número total de imigrantes, principalmente em função daqueles provenientes de outros Estados, e um aumento generalizado na emigração. A posição da RMSP, relativamente inercial, na estrutura dos fluxos migratórios brasileiros recentes, garante a ela um saldo positivo com outros Estados, porém, bem menor do que no período anterior, não conseguindo, desse modo, compensar o saldo negativo com o interior do seu próprio Estado.

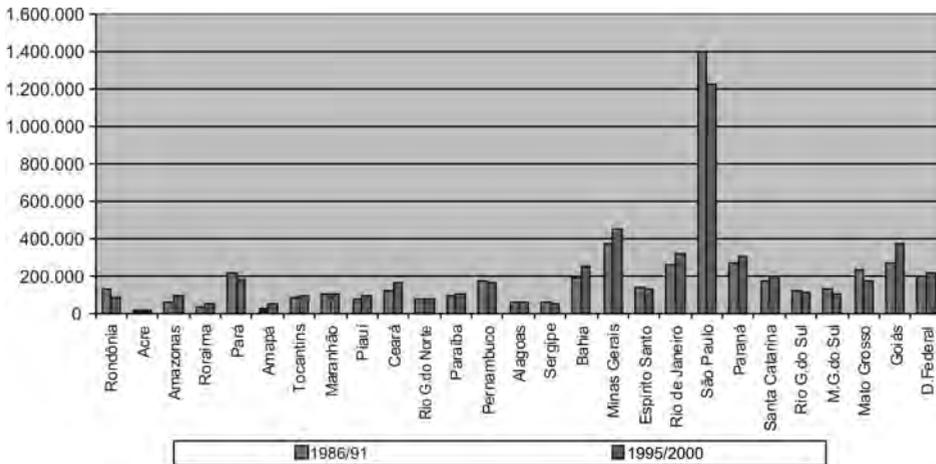
O Estado de São Paulo, como um todo, por décadas, inclusive atualmente, tem sido o que mais recebe migrantes interestaduais. Pode

parecer um paradoxo, mas São Paulo, além de ser uma Região de forte atração migratória, tem recentemente apresentado um conjunto de peculiaridades econômicas e sociais que fazem dele o maior fornecedor de emigrantes para outros Estados no Brasil (Gráficos 1 e 2).

Tabela 2. Região Metropolitana de São Paulo: migrantes e saldo migratório, data fixa, 1986/1991 e 1995/2000

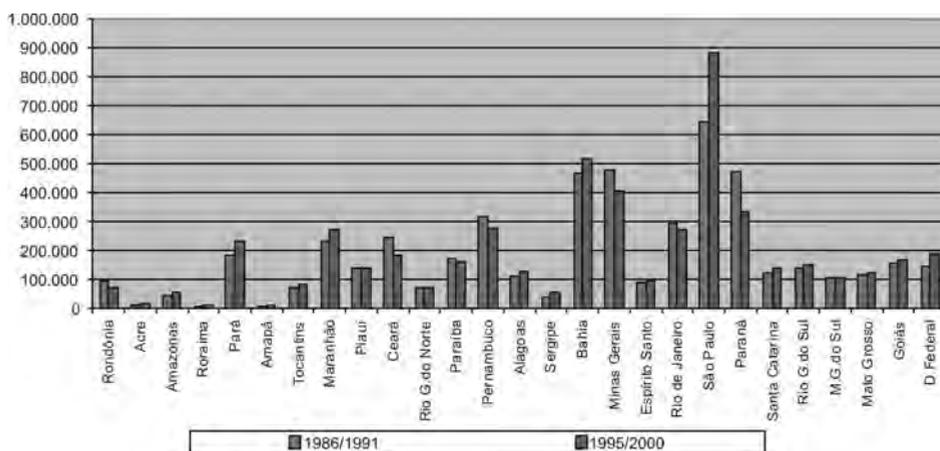
Região Metropolitana de São Paulo	Outros Estados	Migrantes	Total de emigrantes
		Interior do estado	
	<b>1986/1991</b>		
Imigrantes	803.009	134.441	937.450
Emigrantes	426.422	382.728	809.150
Saldo	376.587	-248.287	128.300
	<b>1995/2000</b>		
Imigrantes	716.260	172.133	888.393
Emigrantes	544.425	468.296	1.012.721
Saldo	171.835	-296.163	-124.328

Fonte IBGE, Censo Demográfico de 1991 e 2000.



Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1991 e 2000.

Gráfico 1. Brasil: imigrantes interestaduais, data fixa, 1986/1991 e 1995/2000



Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1991 e 2000.

**Gráfico 2.** Brasil: emigrantes interestaduais, data fixa, 1986/1991 e 1995/2000

A tendência revelada, ao se comparar os resultados referentes aos imigrantes e emigrantes dos censos de 1991 e 2000, relativos ao Estado de São Paulo, é confirmada pelas PNADs de 2002, 2003 e 2004. O aumento do número de emigrantes e o declínio do montante de imigrantes interestaduais teriam levado nesta década o Estado a experimentar SMS negativos.

Ao se analisar os migrantes com destino ou origem paulista, os dados data fixa, do período 1999/2004, mostram que 49% dos emigrantes de São Paulo tiveram como destino os Estados do Nordeste e 20%, Minas Gerais. Por outro lado, entre os que se mudaram para São Paulo, a maioria, 75%, teve como origem esses mesmos Estados, dois terços dos quais provenientes do Nordeste (Tabela 3). O volume e a origem dos emigrantes de São Paulo não constituem novidade, pois assim tem sido há décadas. Mas, sim, o movimento inverso, ou seja, o volume e o destino da emigração de São Paulo. Ela vem se constituindo, majoritariamente, de migrantes de retorno, mormente nordestinos e mineiros voltando aos seus Estados de origem. Esse é um fenômeno recente e tem contribuído, significativamente, para a surpreendente tendência do Estado mais desenvolvido do Brasil perder população.

Isso não significa que as migrações estejam refletindo um país de ponta cabeça, com a inversão dos desequilíbrios regionais e a redução das desigualdades sociais, que continuam muito grandes. Entretanto, não se pode

**Tabela 3.** São Paulo: distribuição relativa dos migrantes interestaduais, data fixa, segundo a origem e o destino, 1999/2004

REGIÃO OU ESTADO	IMIGRANTE	EMIGRANTE
NORTE	3,33	2,59
NE.SETENTRIONAL	3,83	6,84
NE.CENTRAL	20,18	23,03
NE.MERIDIONAL	23,35	16,77
NORDESTE TOTAL	50,68	49,24
MINAS GERAIS	24,29	19,81
ESPÍRITO SANTO	1,49	0,72
RIO DE JANEIRO	5,12	2,79
SÃO PAULO	0,0	0,0
PARANÁ	7,48	11,99
EXTREMO SUL	4,32	6,10
CENTRO OESTE	6,62	9,35
TOTAL ABSOLUTO	823.557	978.689

Fonte: IBGE, PNAD, 2004.

fechar os olhos às transformações ocorridas. São Paulo não está perdendo população por acaso e parece que os saldos migratórios positivos, segundo as PNADs de Minas ou de Estados nordestinos, como o Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Sergipe, não sejam, simplesmente, resultado de problemas amostrais das PNADs ou causados, unicamente, por problemas localizados no Estado de São Paulo. Os dados são por demais sugestivos para estimular as nossas reflexões sobre as mudanças nos padrões das migrações internas interestaduais e, mais importante, sobre as transformações, muitas delas indesejáveis, que vêm ocorrendo na sociedade e na economia brasileiras.

O aumento significativo, a partir da década passada, do fluxo de migrantes, mormente originários de São Paulo, para alguns Estados nordestinos e para Minas Gerais, deve-se, em grande parte, ao crescente número de retornados aos Estados onde nasceram. Esse retorno contribuiu, decisivamente, para o saldo migratório positivo do Estado de Minas Gerais e de alguns do Nordeste, como o Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte.

O Nordeste e Minas sempre se destacaram como grandes reservatórios de mão-de-obra para as Regiões onde mais se expandiam as atividades econômicas no Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro e as áreas de expansão da fronteira agrícola. Sempre foram, e ainda permanecem, como importante fonte de emigrantes. Os nordestinos e mineiros eram largamente encontrados entre aqueles que contribuíram para a expansão urbano-industrial da antiga capital do Brasil, o Rio de Janeiro, ou para a construção da nova capital, Brasília. Constituíram-se, em boa parte, na mão-de-obra indispensável para o grande crescimento industrial paulista. Estiveram presentes, e muitos ainda estão, na expansão e consolidação das fronteiras agrícola e mineral nas Regiões Centro-Oeste e Norte.

Os emigrantes foram em busca de melhores condições de vida, percorrendo, na maioria das vezes, o único caminho aberto para a sua sobrevivência. Sabe-se que a migração é fortemente seletiva e, no caso do Brasil, muito mais seletiva no lugar de destino do que no lugar de origem. Por isso, nem todos foram bem-sucedidos e tiveram que reemigrar, muitas vezes voltando ao lugar de origem. Quando a economia crescia a taxas extremamente altas, criando não só empregos, mas ampliando o leque de ocupações, como ocorreu nas décadas de 60 e 70, a probabilidade de absorção econômica e social do migrante era maior. Porém, a partir dos anos 80, os obstáculos foram crescendo, gerados pela crise econômica e social, concentrada, principalmente, nas grandes metrópoles. Em outras palavras, a seletividade migratória no lugar de destino tornou-se mais rigorosa.

Justamente a partir dos anos 80 observa-se o crescimento do número de emigrantes interestaduais, principalmente de São Paulo e do Rio de Janeiro, em direção aos Estados nordestinos e de Minas Gerais. Em grande parte, retornavam aos seus Estados de origem: em torno de 40% dos que se dirigiram ao Nordeste e de 48% a Minas, na década de 80.

Os dados da PNAD de 2004 confirmam a importância desse movimento de retorno. Entre as UFs nordestinas com saldo migratório provavelmente positivo no período 1999/2004, aproximadamente 60% dos imigrantes do Piauí e do Ceará eram retornados, assim como metade dos imigrantes do Rio Grande do Norte e Paraíba. A menor proporção foi a de Sergipe, mesmo assim, com 40%. Aliás, proporção semelhante à de Minas (Tabela 4). Essas proporções devem ser consideradas como o peso mínimo da contribuição da migração de retorno, pois, aos retornados naturais, deveriam ser acrescidos seus dependentes não-naturais (cônjuges, filhos,

etc), que também migraram em razão da migração de retorno dos naturais (Ribeiro et al., 1996)<sup>2</sup>.

**Tabela 4.** Brasil: total de imigrantes e número de imigrantes retornados, data fixa, de unidades da Federação selecionados, com destaque daqueles originários de São Paulo, 1999/2004

Imigrantes	Piauí	Ceará	R. G. do Norte	Paraíba	Sergipe	Minas
Imigrantes	119.646	141.680	73.494	138.328	45.843	429.438
Imigrantes de SP	47.023	50.211	31.362	42.039	11.712	193.891
Retornados	75.246	83.114	36.068	71.901	18.100	164.104
Retornados de SP	35.003	38.150	19.191	27.122	7.028	83.903

A reemigração, em particular o retorno, é um excelente indicador da seletividade migratória no lugar de destino. Não se trata, na maioria dos casos, do encerramento de uma vida de trabalho e da volta à terra natal para gozar a aposentadoria. Mas, sim, pelo menos em parte, do resultado das grandes dificuldades para se manter nas áreas que sempre atraíram muitos imigrantes, principalmente as grandes Regiões Metropolitanas. Os mercados de trabalho e imobiliário estão cada vez mais seletivos, a violência urbana exacerbada. Em síntese, a degradação da qualidade de vida tem levado boa parte dos imigrantes dessas áreas urbanas a reemigrarem para os municípios vizinhos metropolitanos ou a retornarem aos seus Estados de origem. Não seria por outra razão que as principais capitais estaduais, núcleos de metrópoles, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, têm, nas últimas duas décadas, saldos migratórios negativos e, conseqüentemente, perdido população.

Não é por coincidência que os migrantes que contribuíram, decisivamente, para que alguns Estados nordestinos deixassem de ser perdedores de população, tenham vindo, segundo a PNAD de 2004, majoritariamente, das antigas Regiões de atração populacional. Entre 30 a 40% dos imigrantes do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte vieram de São Paulo. No caso de Minas, essa proporção alcança 45%. Quase 43% dos

<sup>2</sup> No período 1981/1991, para cada dez naturais do Nordeste que retornaram à Região (migrantes de retorno), houve em torno de 3,7 imigrantes, não-naturais do Nordeste, que acompanharam os migrantes retornados, na condição de cônjuge, filhos e outros parentes (Ribeiro, 1997, TAB. 6.2)

imigrantes da Paraíba procederam do Rio de Janeiro, há décadas o destino preferencial dos emigrantes paraibanos.

Como nos últimos tempos a migração tem se transformado cada vez mais numa ação de risco, com baixa probabilidade de êxito, tem aumentado o número de migrantes de retorno de curto prazo, aqui considerados como aqueles que saem de seu Estado de origem e retornam a ele em menos de cinco anos. No caso do Nordeste, como um todo, segundo a PNAD, daquelas pessoas que em 2004 tinham menos de cinco anos de residência no Estado, 34% haviam saído e retornado ao mesmo Estado, dentro do quinquênio 1999/2004. Em Minas, 28%.

Não se trata, vale frisar, dos chamados migrantes sazonais, como os que saem do Vale do Jequitinhonha para cortar cana no Estado de São Paulo. Eles fazem esse itinerário completo em período de tempo inferior a um ano e, apesar da sua importância, não são detectados, como tais, pela PNAD ou mesmo pelo Censo Demográfico.

Neste trabalho foram apontados alguns determinantes, localizados nas áreas de residência antes da volta ao Estado natal, que explicariam os grandes e crescentes fluxos de emigrantes retornados. Determinantes esses relacionados a aspectos negativos, sociais e econômicos. No entanto, não se pode desconhecer que estão ocorrendo mudanças sociais e econômicas nos Estados de nascimento que, provavelmente, estejam atraindo os retornados. Como, por exemplo, em Minas, o desenvolvimento industrial e da agropecuária no Triângulo e Sul; no Nordeste, o rápido crescimento das atividades ligadas ao turismo, a transferência de plantas industriais antes localizadas no Centro-Sul, e a ocupação, pela agricultura e pecuária modernas, do cerrado do Piauí.

## CONCLUSÃO

Os migrantes de retorno, de curto prazo ou não, têm assumido no mapa atual das migrações no Brasil papel extremamente relevante. Esse é um sinal dos tempos! Ultrapassa-se a era na qual predominava a migração clássica, quando os migrantes se deslocavam no espaço com a família, com o propósito de se mudar, definitivamente, de residência. Hoje, os migrantes procuram, crescentemente, uma alternativa para a sobrevivência no seu próprio lugar de origem, em vez de se alimentar com a ilusão de uma melhoria social no lugar de destino.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Alberto Magno de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. *Estimativas decenais e quinquenais de saldos migratórios e taxas líquidas de migração do Brasil, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo unidade da federação e macrorregião, entre 1960 e 1990, e estimativas de emigrantes internacionais do período 1985/1990*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2002. 300 f. (Relatório de Pesquisa, Projeto Saldos Migratórios). Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/saldos\\_migratorios/Estimativas\\_saldos\\_migratorios.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/saldos_migratorios/Estimativas_saldos_migratorios.pdf)>. Acesso em: 2006.

RIBEIRO, José Teixeira Lopes. *Estimativa da migração de retorno e de alguns de seus efeitos demográficos indiretos no nordeste brasileiro, 1970/1980 e 1981/1991*. 1997. 206 f. Tese (Doutorado)– Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

\_\_\_\_\_; CARVALHO, José Alberto Magno de; WONG, Laura Rodríguez. Efeitos demográficos da migração de retorno: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10., 1996, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1996. V. 2, p. 955-972.

## Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as novidades sobre as migrações internas no Brasil sugeridas pela PNAD 2004. A ênfase recai sobre o saldo negativo migratório de São Paulo e sobre o positivo de alguns Estados nordestinos. A hipótese discutida é que as migrações de retorno são a chave para a compreensão desses fenômenos. Para dar mais consistência às análises foram utilizadas as PNADs recentes e os Censos Demográficos de 1991 e 2000.

## Abstract

*This article aims at analyzing the most recent information about internal migration in Brazil provided by the National Household Sample Survey (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios – PNAD) held on 2004. Emphasis is given on both negative migration balance of the state of São Paulo and on the positive one relating to some states of the Northeast region. The hypothesis discussed suggests that the return migration is the key to the comprehension of this phenomenon. In order to make the analysis more consistent, recent information from the PNAD and the Demographic Census of 1991 and 2000 were used.*

### **Os Autores**

FAUSTO REYNALDO ALVES DE BRITO é professor e pesquisador do Departamento de Demografia e do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar), da Universidade Federal do Minas Gerais (UFMG).

JOSÉ ALBERTO M. DE CARVALHO é professor e pesquisador do Departamento de Demografia e do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da UFMG.

